

# A RELEVÂNCIA DE PROJETOS SOCIAIS QUE ATUAM NA CADEIA PRODUTIVA DE MODA: UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO SISTÊMICO, O DESIGN E A INOVAÇÃO SOCIAL

*The relevance of social projects that operate in the fashion production chain: a dialogue with systemic thinking, design and social innovation*

Raposo, Anna Karollyna; Mestranda; Universidade Estadual de Santa Catarina, [anna.raposo@udesc.br](mailto:anna.raposo@udesc.br)<sup>1</sup>  
Brandão, Cláudio de S. P.; Dr.; Universidade Estadual de Santa Catarina, [claudio.brandao@udesc.br](mailto:claudio.brandao@udesc.br)<sup>2</sup>  
Silveira, Icléia; Dra; Universidade Estadual de Santa Catarina, [icleiasilveira@gmail.com](mailto:icleiasilveira@gmail.com)<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo relata uma investigação sobre o potencial do design como facilitador do processo produtivo, com ênfase no pensamento sistêmico e na inovação social. O procedimento metodológico adotado foi uma pesquisa qualitativa descritiva, utilizando questionários semiestruturados e a triangulação de dados, na tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do objeto de estudo em questão. Os resultados esclarecem de que modo projetos sociais integrados à cadeia produtiva de moda são capazes de promover impactos positivos a partir pensamento sistêmico de design.

**Palavras chave:** Terceiro Setor; Pensamento sistêmico; Design; Inovação social.

**Abstract:** This article reports an investigation into the potential of design as a facilitator of the production process, with an emphasis on systemic thinking and social innovation. The methodological procedure adopted was a descriptive qualitative research, using semi-structured questionnaires and data triangulation, in an attempt to ensure an in-depth understanding of the object of study in question. The results clarify that social projects integrated into the fashion production chain are capable of promoting positive results from systemic design thinking.

**Keywords:** Third sector; Systems thinking; Design; Social innovation.

<sup>1</sup> Mestranda em Design de Vestuário e Moda (UDESC). Pós-graduada em Comunicação e Marketing (Universidade Cruzeiro do Sul). Designer pela Centro Universitário FBV Wyden.

<sup>2</sup> Doutorado (2012) em Design e Sociedade pela Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

<sup>3</sup> Doutorado (2011) em Design pela Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Docente no PPGModa (UDESC). Vice-líder do GP Design de Moda & Tecnologia (UDESC/CNPq).



## Introdução

A cadeia produtiva de moda, além de ser um dos setores mais dinâmicos e influentes da economia global, também desempenha um papel significativo na vida das pessoas e no meio ambiente. Nos últimos anos, projetos sociais que atuam nessa cadeia produtiva têm ganhado destaque, promovendo impactos positivos e transformações em vidas e territórios. O conceito de negócio social, que busca compatibilizar lucro com impacto social, tem encontrado espaço na moda. Nesse contexto, a integração de projetos sociais na cadeia produtiva de moda torna-se não apenas uma escolha ética, mas uma necessidade premente. Este artigo propõe um diálogo entre o pensamento sistêmico, o design e a inovação social e como esses vieses se entrelaçam com a moda. Destacando a relevância e os benefícios que tais projetos podem trazer tanto para a cadeia produtiva de moda, quanto para a sociedade, transformando vidas e fortalecendo comunidades.

A metodologia da pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso. Para a coleta de dados utilizou-se a pesquisa bibliográfica, Revisão Sistemática da Literatura, pesquisa documental. Como instrumento de pesquisa realizou-se entrevista semiestruturado com a iniciativa social Projeto Tecer. Para a análise dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo.

Destaca-se as etapas dos procedimentos metodológicos, 1) previamente foi realizada uma pesquisa bibliográfica formada por livros, artigos publicados, dissertações, teses, sites, normativas e documentos, a fim de entender a conexão entre as etapas do processo de confecção do vestuário com os procedimentos técnicos aplicados nos projetos sociais. 2) a segunda parte da pesquisa de campo foi construída por meio de entrevista semiestruturada, formulada com base nas informações levantadas pela pesquisa bibliográfica. 3) na terceira etapa, os convites para participar das entrevistas foram realizados por meio dos contatos fornecidos pelos projetos sociais em suas redes sociais. O questionário que foi utilizado como norteador das entrevistas, que foram aplicadas de forma híbrida, virtual por meio do formulário disponível na plataforma do *Google* e presencial, contendo doze perguntas que incluíam apenas questões abertas. Por fim, buscou-se identificar o design como um facilitador do processo produtivo com ênfase no pensamento sistêmico e na inovação social. Sendo assim a pesquisa aborda a composição do terceiro setor e sua relevância social. Em seguida estão incorporados o pensamento sistêmico e o design como um arcabouço metodológico. Na sequência a inovação social, suas estratégias, conceitos em prol das necessidades do objeto de estudo desta pesquisa, os projetos sociais.

O presente artigo se estrutura da seguinte forma: primeiramente são apresentadas as principais reflexões teóricas sobre o campo de estudo abordando terceiro setor, a cadeia produtiva, os conceitos de pensamento sistêmico e design, e inovação social. Na sequência apresentam-se a metodologia de coleta e análise de dados, os resultados da pesquisa qualitativa, a discussão e as considerações finais.

### O Terceiro setor

O conceito do “Terceiro Setor”, segundo Juary Chagas (2011) edifica-se a partir de uma visão “setorial” indicando uma clara tendência em fragmentar a realidade social em partes distintas, ao mesmo tempo que, busca-se uniformizá-las conforme o critério utilizado em tal divisão:

“Na medida em que a sociedade é dividida em três setores, sendo o primeiro o Estado, o segundo o mercado e o terceiro uma espécie de “sociedade civil! Amorfa e supostamente apartada de demais determinações, supõe-se então que esses mesmos “setores”, separados uns dos outros, se constituem internamente de um escopo mais ou menos uniforme, cada qual com características próprias que seriam inerentes à sua própria condição. Assim, o “setor” estatal se caracteriza como pesado, lento, ineficaz e burocrático; distinto do “setor” mercantil que, por sua vez, é difundido como dinâmico e eficiente, mas voltado para a acumulação de capital; e igualmente autônomo em relação ao “Terceiro Setor”: o lugar onde “todos”, unidos poderiam promover o “bem comum”, em contraposição à suposta incapacidade do Estado (CHAGAS, J., 2011, p.41).

Ainda segundo Chagas, 2011:

Por mais nobres que sejam as ações de ONGs realmente comprometidas em enfrentar problemas sociais (como miséria, fome, falta de educação e saúde para as crianças, destruição ambiental etc.), ao se considerarem “Terceiro Setor” e, desse modo, se fecharem numa lógica fragmentadora da realidade; ao se manterem incapazes de encontrar sínteses que apontem saídas frente os antagonismos de classe; e ao não apresentarem qualquer perspectiva de construção de uma estratégia política de poder que vá até a raiz das questões que produzem as mazelas cotidianamente combatidas por essas entidades de modo focal, resta-lhes um horizonte profundamente limitado: o de mera administração dos problemas do capitalismo, no máximo, tentando torná-lo “mais humano” (CHAGAS, J., 2011, p. 48).

Com isso, as ações de ONGs tendem a operar dentro de uma lógica fragmentada, onde essas ações não adentram nas raízes dos problemas, apenas administram e buscam soluções a curto prazo para sanar mazelas sociais cotidianas. O Terceiro Setor mantém uma certa distância dos demais setores e preocupa-se em suprir as necessidades do Estado, buscando resolver os problemas gerados pela dinâmica capitalista sem atacar os fundamentos constitutivos desse sistema. Desse modo, o conceito de Sociedade Civil pertencente a tal setorização suporta várias conotações, tanto para atacar as garantias sociais sob a tutela do Estado, bem como para caracterizar a defesa de uma democracia com alto teor de participação direta dos cidadãos. Para Gramsci, 2002, a Sociedade Civil é definida como o campo das relações sociais que não são diretamente controladas pelo Estado, mas que influenciam a formação da opinião pública e a cultura. Onde a hegemonia de uma classe social é estabelecida e mantida principalmente através da sociedade civil, ao conquistar a aceitação e o consentimento das outras classes, em vez de apenas por meio da força.

No cenário brasileiro, o Terceiro Setor é entendido como uma associação de pessoas jurídicas, de caráter voluntário que desenvolvem atividades sem fins lucrativos em prol dos direitos essenciais da população. Composto por organizações de natureza privada, sem fins lucrativos, dedicadas à consecução de objetivos sociais. Essas entidades não são públicas nem privadas no sentido convencional, mas combinam a metodologia do setor público com as finalidades do setor privado.

De acordo com Lima, 2016, as entidades do terceiro setor são regidas pelo Código Civil de 2002 (Lei nº 10.406/2002), e juridicamente constituídas, em regra, sob a forma de associações ou fundações, embora sejam genericamente denominadas de ONGs (organizações não governamentais). Nesse caso, vamos ter na composição dos objetos de estudo do presente artigo as associações, que são definidas de acordo com o disposto no capítulo II, artigo 53 ao 60 (BRASIL, 2002), desta mesma lei, a seguinte definição:

Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos.  
Parágrafo único. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos.  
Art. 54. Sob pena de nulidade, o estatuto das associações conterá:  
I - a denominação, os fins e a sede da associação;  
II - os requisitos para a admissão, demissão e exclusão dos associados;  
III - os direitos e deveres dos associados;  
IV - as fontes de recursos para sua manutenção;  
V - o modo de constituição e de funcionamento dos órgãos deliberativos; (Redação dada pela Lei nº 11.127, de 2005)  
VI - as condições para a alteração das disposições estatutárias e para a dissolução.  
VII - a forma de gestão administrativa e de aprovação das respectivas contas. (Incluído pela Lei nº 11.127, de 2005)  
Art. 55. Os associados devem ter iguais direitos, mas o estatuto poderá instituir categorias com vantagens especiais.

No que se refere às associações, cabe frisar que a renda proveniente de suas atividades deve ser revertida para os seus objetivos estatutários, ou seja, atender as necessidades da própria associação. Segundo o Mapa das Organizações da Sociedade Civil (Mapa das OSCs), plataforma desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apresenta novos dados relativos às organizações da sociedade civil (OSC) no Brasil. A versão atualizada dos dados aponta que em 2023 havia um total de 879.326 organizações ativas no país, representando um aumento de 7,8% em comparação com as 815.677 organizações registradas em 2021.

Ser reconhecida legalmente como uma organização sem fins lucrativos tem consequências importantes, como isenções fiscais federais, estaduais e municipais. Essas isenções significam um importante subsídio governamental. Quando se fala em ONGs, organizações não governamentais que promovem assistência ou serviços para *terceiros* e que não são o Estado, estamos falando de organizações privadas, o que as difere das instituições governamentais; e sem fins lucrativos, o que as diferencia das empresas inseridas no mercado. Para Salamon e Anheier (1997) se tratam de organizações estruturadas, onde possuem um quadro de pessoal responsável pelo desempenho das funções com rotinas padronizadas; são autogovernadas e envolvem indivíduos num significativo esforço voluntário.

Assim, o processo de construção de uma identidade do terceiro setor a partir das associações tradicionais de assistência é indispensável que as próprias entidades se percebam como parte de um conjunto. Jeremy Rifkin (1997), um dos principais teóricos, fala claramente sobre a importância do setor não apenas como sendo um

caminho possível no atendimento às necessidades sociais, mas também na geração de empregos e renda. Para o autor, o governo possui cada vez menos um papel importante nas vidas das comunidades, assim, delegando verba e programas e a responsabilidade da vida cívica ao setor não-governamental, o Terceiro Setor.

Na ausência de um termo mais apropriado e com o objetivo de manter uma linguagem alinhada à literatura existente, opta-se pela denominação "terceiro setor", pois é a expressão mais neutra e ampla para abranger o nicho de instituições que atuam direta ou indiretamente na cadeia produtiva de moda. Além do que é geralmente denominado "terceiro setor", é importante destacar um fator distintivo dessas organizações: o voluntariado. De acordo com as Nações Unidas, voluntário é o jovem, adulto ou idoso que, devido a seu interesse pessoal e seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades de bem estar social ou outros campos.

O projeto objeto de estudo desta pesquisa tem como sua Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) ligadas à cultura e à arte e sua área de atuação em cultura e recreação. Desta forma, ainda segundo o Mapa das OSCs, 9,3% de todas as OSCs existentes, de acordo com a distribuição de OSCs por **área** de atuação no Brasil em 2023 fazem parte da cultura e recreação. Sua natureza jurídica é associação privada, compreendendo assim as organizações não-governamentais – ONGs, constituindo assim o terceiro setor. A pesquisa “A Importância do Terceiro Setor para o PIB no Brasil” mensurou o impacto econômico das OSCs para a realidade brasileira. De acordo com o levantamento, o terceiro setor contribui para 4,27% do PIB, além de gerar 6 milhões de postos de trabalho. Traçando, assim, um panorama atual desta área e mostrando como além de promover um impacto social positivo, as organizações da sociedade civil são importantes para a economia do país.

Em 2023, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 9,2% das mulheres brasileiras estavam desempregadas, deixando milhares em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Para ajudar a mudar essa realidade, muitos projetos sociais oferecem oficinas de costura com o objetivo de capacitá-las, transformando a realidade das mulheres das comunidades – desempregadas e sem capacitação para entrar no mercado de trabalho. O projeto objeto deste estudo iniciou suas atividades em fevereiro de 2022, na Ocupação Fé em Deus e na Ocupação Contestado, e em novembro do mesmo ano foram formadas a primeira turma das alunas que iniciam o curso se formaram.

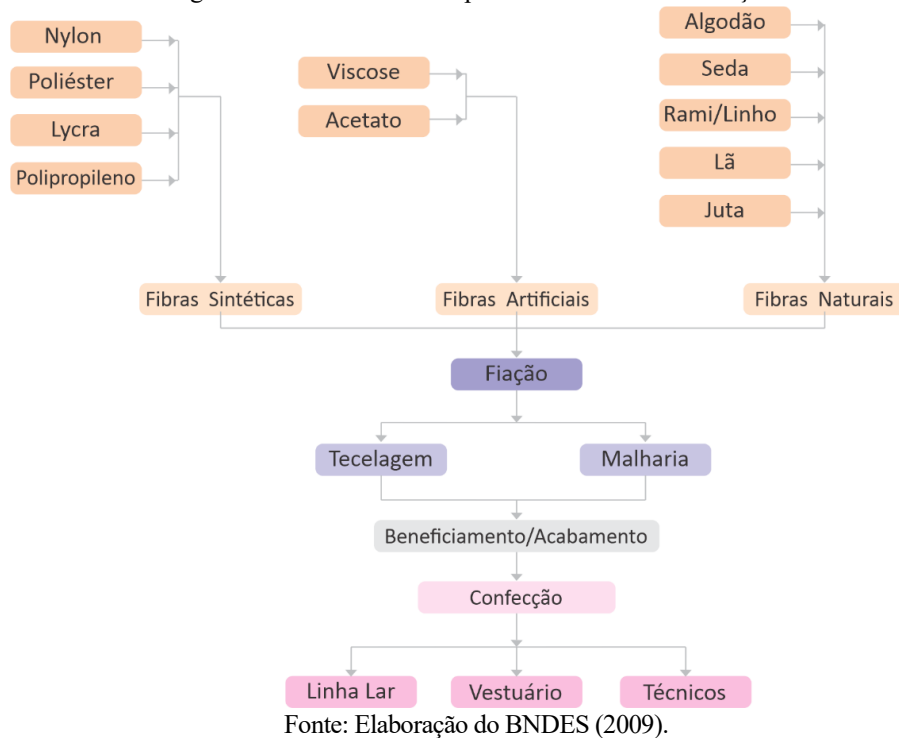
No panorama brasileiro, observa-se a simbiose entre o terceiro setor e a cadeia produtiva de moda construída conjuntamente com áreas como a educação, voluntariado e produção, levando em conta os desenvolvimentos econômico e social. Abordando assim, desafios que a própria cadeia produtiva e a indústria têxtil apresenta, tais como a grande quantidade de resíduos descartados, incluindo retalhos de tecido e roupas descartadas; e também, os direitos dos trabalhadores, como condições de trabalho precárias e baixos salários. Percebe-se então uma grande oportunidade

para intervenções positivas do design em termos de práticas sustentáveis a partir de projetos sociais que façam parte desta cadeia.

### Cadeia produtiva de Moda

A cadeia produtiva da moda envolve todos os estágios de criação, desenvolvimento e comercialização das peças. Os negócios do setor se iniciam com a matéria-prima, sendo transformada em fios nas fábricas de fiação, de onde seguem para a tecelagem ou para as malharias. Em seguida, passar pelo acabamento para posteriormente chegar à confecção. Na etapa final, os produtos podem chegar ao consumidor em forma de vestuário ou de artigos cama, mesa, banho, decoração e limpeza.

Figura 1: Estrutura da cadeia produtiva têxtil e de confecções



A Indústria Têxtil, de Confecção e Calçados desempenha um papel significativo na economia brasileira, destacando-se pelo faturamento bruto, comércio exterior, número de empresas formais e empregos gerados, além de servir como um importante canal de entrada no mercado de trabalho. Sua relevância também é notável no processo de industrialização do país e por ser uma das últimas estruturas setoriais completas no Brasil e no mundo, abrangendo desde a produção de algodão e fibras sintéticas até tecelagens, beneficiadoras, confecções e um varejo robusto.

De acordo com informações da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT):

Assim como a indústria têxtil é pioneira no desenvolvimento do capitalismo mundial, no Brasil ela é uma das marcas da estrutura produtiva industrial, que conta com sua presença em território nacional a mais de dois séculos. Sendo o 4º maior parque produtivo mundial do setor, além de tê-lo tornado o 5º maior produtor têxtil, o 4º maior produtor de malhas e o 2º maior produtor de denim. Essa configuração está associada ao fato de ser a única cadeia produtiva completa ainda existente no ocidente.

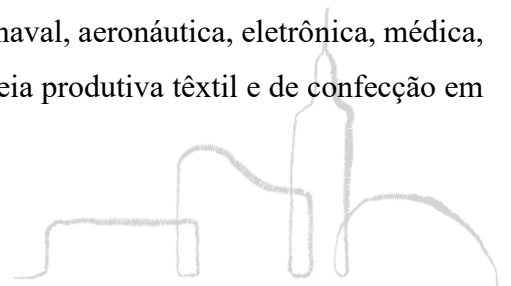
Dessa forma, verifica-se que o Brasil possui considerável representatividade no setor, sendo o maior na cadeia produtiva integrada do Ocidente. Produzindo desde as fibras até as confecções. E ao analisar as características do setor têxtil e de confecção brasileiro, é evidente uma pulverização de empresas por todo o território nacional, embora também se identifique a concentração de algumas delas em polos têxteis específicos.

O setor reúne mais de 33 mil empresas (com mais de 5 funcionários) das quais mais de 80% são confecções de pequeno e médio porte, em todo o território nacional. Emprega cerca de 1,6 milhão de brasileiros, sendo que 75% são funcionários do segmento de confecção, mulheres em sua maior parte.

Atualmente, na indústria de Santa Catarina, o setor têxtil e de confecção apresenta o maior número de trabalhadores e o segundo maior número de estabelecimentos, sendo responsável, em 2016, por R\$ 20 bilhões em produção industrial (14,9% do valor da indústria do Estado e 24,7% do setor no país). O valor da transformação industrial (VTI) do setor, por outro lado, fica em torno de R\$ 10 bilhões, o segundo maior nacionalmente, compreendendo 1,1% do VTI catarinense. No caso do setor de couro e calçados, são R\$ 1,1 bilhão de produção industrial, menos de 1% do valor produzido no estado.

O crescimento contínuo dessas indústrias potencializou o surgimento, ao longo do século 20, de muitos outros empreendimentos dedicados ao ramo, criando um aglomerado industrial nesses locais e até novas iniciativas em regiões como o Sul e a Serra Catarinense. Resultados recentes demonstram que o segmento segue em ascensão, crescendo 9,4% nos últimos 12 meses, quase o dobro da média nacional (4,1%), segundo o Observatório FIESC (2022).

A cadeia produtiva da moda é composta, portanto, por três grandes macrosetores: (a) produção de matéria-prima; (b) indústria de transformação; (c) mercado consumidor. De acordo com Rech, 2006, as fibras e os materiais têxteis desempenham um papel crucial na vida humana, e não há motivos para acreditar que sua importância diminuirá no século XXI. Pelo contrário, enquanto não surgirem substitutos para os têxteis em aplicações tradicionais, como vestuário e decoração, esses materiais continuam sendo os preferidos para substituir muitos materiais atuais, como metais e plásticos, em indústrias como automotiva, naval, aeronáutica, eletrônica, médica, civil, militar, agrícola e em outras áreas relacionadas. Classificação da cadeia produtiva têxtil e de confecção em três grandes setores por Rech (2006), apresentados no Quadro 1.



Quadro 1- Setores da cadeia produtiva têxtil e de confecção

SETOR	O QUE É	PERFIL DAS EMPRESAS	GRAU DE INOVAÇÃO
<b>Produção de matéria-prima</b>	Envolve as atividades de transformação das fibras – químicas ou naturais – em fios e tecidos e segmenta-se em termos tecnológico e produtivo	Marcado por um modelo de concorrência monopolista. Divide-se de acordo com a destinação final (confecção; aplicação industrial; emprego decorativo)	Alto: Investimento em tecnologia (maquinário) e produção de fios sintéticos propriedades do tecido tecnológico.
<b>Indústria de transformação</b>	É composto das seguintes atividades: (a)preparação; (b)beneficiamento; (c)acabamento; (d)confeccionados têxteis, a partir da tecelagem plana, malharia circular e retilínea	É um sistema fragmentado, complexo e intensivo em mão-de-obra. Constituído por uma estrutura industrial altamente heterogênea. Conglomera a fabricação de roupas e acessórios de vestuário em geral; cama, mesa e banho; artigos para o lar e peças de uso específico.	Médio: Fabricação de confecções em tecido (diagonal e malha) e de malharia. Numerosos progressos, através do reconhecimento de uma série de técnicas gerenciais, que objetivam o aumento da produtividade e da flexibilidade
<b>Mercado Consumidor</b>	Apreende os canais de distribuição e comercialização do produto final, como representantes comerciais, atacadistas e varejistas.	Constituído por uma estrutura heterogênea, lojas de departamento De grande porte, pequeno varejo independente – revende marcas, pequeno varejo que opera com marcas autorais (próprias).	Baixo: gradativamente vem aumentando investimentos tecnológicos – novas tecnologias da informação, logística e marketing.

Fonte: Adaptado de Rech (2006)

Por fim, perante esta setorização da cadeia produtiva têxtil e de confecção, dá-se ênfase à indústria de transformação, visto sua importância na capacidade produtiva nacional, passando da 6ª para a 5ª posição no Brasil em 2023 segundo o Observatório FIESC, com 6,6% de representatividade nacional; e também por ser o setor que compreende o objeto de estudo dessa pesquisa, a confecção desenvolvida internamente por projetos sociais.

A iniciativa social, Projeto Tecer, tem fomentado o desenvolvimento de artigos têxteis, contribuindo assim com a minimização dos problemas sociais das comunidades em que atuam, em específico, promovendo o bem-estar social das mulheres em situação de vulnerabilidade. Concomitantemente, propõe ações através do recebimento de matérias-primas que são descartes fabris, integrando a criatividade, a sustentabilidade e o auxílio à essas mulheres ao design de vestuário e moda.

### Pensamento sistêmico de design

O pensamento sistêmico engloba uma variedade de métodos, ferramentas e princípios destinados a analisar a interação entre as forças internas de um sistema e seu ambiente externo. Vale ressaltar que esse enfoque considera essas forças como componentes de um processo integrado. De acordo com Andrade *et al.* (2006), ao entender uma situação



de interesse, ou um problema, a partir do método sistêmico, dois diagnósticos começam a se esboçar: um que vai do particular ao organizacional e outro que vai do organizacional para o particular.

Segundo Reyes e Borba (2007):

O Design Estratégico atua como um espaço de agregação de valor, com vistas ao aumento de competitividade das organizações (dimensão estratégica). O elemento gerador dessa competitividade é a inovação vista não somente do ponto de vista do produto, mas, acima de tudo, desse produto elaborado a partir de uma cadeia de valor que considera as diferentes etapas, quais sejam, concepção, produção, comunicação e distribuição. A expressão 'sistema-produto' agrega a expansão do conceito ao aliar os serviços e a experiência ao processo de sua utilização. O sistema é potencializado pela visão estratégica que considera variáveis internas e externas à organização e ao seu contexto na viabilização da atividade do design (REYES E BORBA, 2007, p. 4).

Por meio do design estratégico, que, além de abordar soluções para problemas de design dentro de uma empresa ou organização, também se expande para o através das interações mercadológicas, ressaltando a relevância do seu caráter sistêmico. No pensamento sistêmico de Senge, a estrutura é:

[...] o padrão de interrelações entre componentes-chave do sistema. Isso poderia incluir a hierarquia e fluxos de processos, mas incluem também opiniões e percepções, a qualidade de produtos, os modos como se tomam decisões, e centenas de outros fatores. As estruturas sistêmicas são muitas vezes invisíveis - até que alguém as assinale (SENGE, 1995, p. 84).

Neste caso, as estruturas sistêmicas são, muitas vezes, invisíveis. Construída a partir de escolhas, escolhas estas provenientes do resultado das percepções. Em seguida transformam-se em pensamentos os quais geram discursos, que, por fim, são formalizados mediante conceitos. Ao tentar pensar sistemicamente, é imprescindível apoiar-se em aprendizagem. Sendo esta um processo transformador das relações entre as partes de um sistema.

É inegável que o design desempenha um papel crucial na promoção da sustentabilidade ambiental e social. Nesse contexto, a função do designer vai além da criação de produtos; ela inclui a promoção do desenvolvimento econômico e social de maneira responsável, utilizando materiais recicláveis e recursos naturais de forma a preservar o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida humana.

Considerando as demandas sociais, a gestão criativa do design e a utilização de matéria-prima de descarte, faz-se necessário pensar em formas de bem-estar que englobem todo o entorno. Envolvendo assim processos de produção, de comunicação, assim por diante. O design, desse modo, enquanto elemento atuante nesse processo de mudança, também deve se inserir num estágio de modificação (MANZINI, 2008a).

Santos (2000, p.23) propõe uma abordagem na qual o design é considerado como um sistema processador de informações:

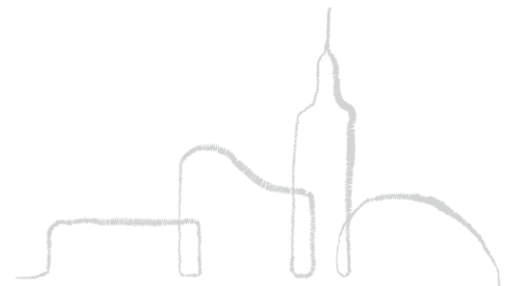
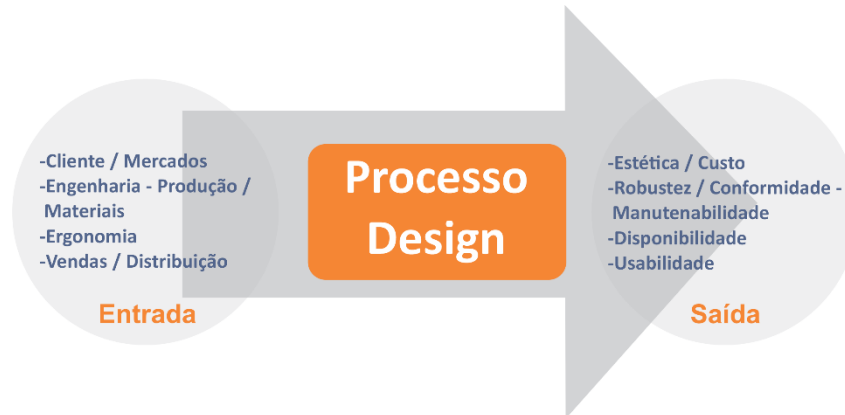


Figura 2 – Design como um sistema processador de informações



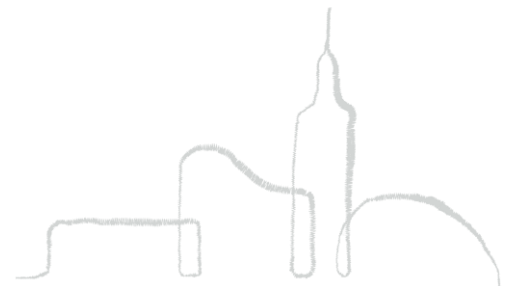
Fonte – adaptada de Santos, 2000, p. 24

Assim, o design é abordado como um sistema processador de informações. Onde o processo de design é alimentado por informações de especificações técnicas, informações específicas acerca de mercado e consumidores e informações estratégicas. Após o processamento desses insumos, obtém-se um produto ou um projeto (SANTOS, 2000, p. 23). O autor também cita que a atividade de design atinge diversos níveis e diversas áreas de atuação, o que a caracteriza como um macroprocesso, ou seja, é um processo que interfere em diversos outros processos menores, maiores e/ou de mesmo porte.

Portanto, o design não pode ser definido e diligenciado como uma atividade isolada. Deve-se analisá-lo do ponto de vista sistêmico, atribuindo a função de reconhecimento dos níveis mais profundos da realidade, implicando assim, nas inter-relações entre todos os atores desses processos e consequentemente em processos cocriativos. Abrindo assim a possibilidade de atuação e envolvimento do design com universidades, instituições de apoio, comunidades e outros.

Segundo Fletcher e Grose (2011, p. 162), uma das imersões mais completas na prática do designer como facilitador é o design colaborativo. Assim, oferece uma alternativa com base em critérios diferentes por meio de práticas como inclusão, processos cooperativos e ações participativas. No aspecto da inovação social, busca-se identificar a capacidade de criar alternativas socialmente aceitas que promovam mudanças em direção ao bem-estar social.

Portanto, o pensamento sistêmico do design pode ajudar comunidades criativas a pensarem conjuntamente nos diversos saberes de uma organização, em seus desdobramentos futuros, em seus valores, conflitos e necessidades, para que tais ações gerem mudanças e transformações, aperfeiçoando-se um sistema produto-serviço, que devem ser acompanhadas por táticas que coordenarão as operações de design, respaldadas na inovação dentro da iniciativa social, objetivando a sustentabilidade.



## Inovação Social

Inovação é um conceito abrangente e multifacetado, cujo significado evolui e se torna cada vez mais complexo com o tempo. Além disso, tem sido empregado para descrever métodos e ferramentas de transformação em diversas áreas da sociedade (MURRAY, et al., 2010). Caracteristicamente, a inovação se distingue de inovação social (IS), tendo sua concepção do conceito de Inovação Tecnológica (IT), proposto por Joseph Alois Schumpeter. Para Murray, 2010:

Tradicionalmente, o mercado privado tem sido visto como a principal fonte de inovação. Isso ocorre porque possui as estruturas, mecanismos e incentivos que impulsionam a inovação. Na formulação de Joseph Schumpeter, tem o poder de “destruição criativa”, destruindo o velho, a fim de abrir o caminho para o novo. Nem o Estado nem a economia de subvenções têm a estrutura ou o incentivo inovar desta forma. Argumenta-se que eles não possuem os mecanismos que permitem os melhores para florescer e os menos eficazes para definhar (embora até no final do século 19, muitas inovações tecnológicas foram associadas a governos e exércitos em vez de mercados) (MURRAY, 2010, p. 145).

Para Schumpeter, a IT é a principal força propulsora do desenvolvimento econômico, pois quebra os padrões estabelecidos de funcionamento e produção de bens e serviços. As empresas precisam implementar transformações em seus processos para manter a competitividade (SCHUMPETER, 1997).

Por outro lado, a inovação social se distingue tanto nos seus resultados como nas suas relações, nas novas formas de cooperação e colaboração que ela traz. Como resultado, os processos, métricas, modelos e métodos utilizados na inovação no setor comercial ou campos tecnológicos, por exemplo, nem sempre são diretamente transferíveis para a economia social.

De acordo com Manzini, 2008, o termo *inovação social* refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades (MANZINI, 2008. p. 61). Essas inovações são mais ligadas às mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou mercadológicas.

À luz do pragmatismo, as inovações sociais se desenvolvem de maneira sucessiva e não linear, envolvendo uma série de ajustes, acordos e negociações entre uma diversidade de atores. Assim, a capacidade de reinvenção dessa coletividade é essencial para o processo (ANDION, et al., 2017).

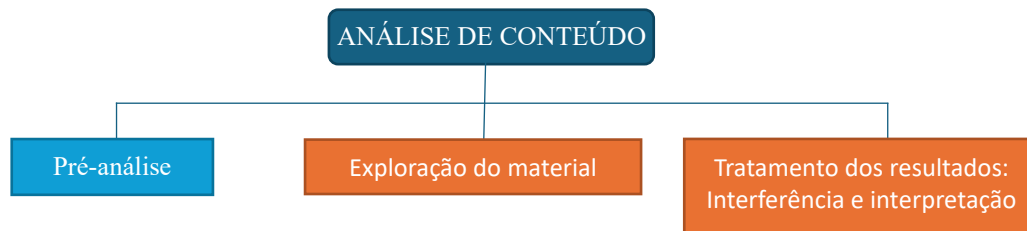
Conforme Phillips *et al.* (2015), a inovação social é um processo interativo moldado a partir da combinação de conhecimentos obtidos por meio de uma gama de organizações engajadas na mudança social positiva. Sendo vista como uma solução para problemas que afligem a sociedade, como a pobreza, a fome e os desafios decorrentes dos limites dos recursos ambientais, com ênfase em iniciativas sociais que atendem mulheres em situação de vulnerabilidade social e econômica, buscando incluir a sustentabilidade dos produtos e também a

sustentabilidade social e cultural, envolvendo os atores da cadeia produtiva da moda e incluindo os usuários-cidadãos, influenciando transformações sociais e culturais positivamente.

## Método

Partindo de conceitos relevantes apresentados na Introdução, tais como: terceiro setor, cadeia produtiva da moda, pensamento sistêmico de design e inovação social juntamente com o estudo de caso, como procedimento metodológico, adotado na iniciativa social Projeto Tecer. Para avaliar os dados utilizou-se a análise de conteúdo. Este procedimento envolve a descrição analítica dos conteúdos, classificando-os em categorias. Com base nos dados categorizados, o analista pode inferir informações sobre o emissor da mensagem e/ou sobre seu contexto (BARDIN, 2011). Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais, conforme o esquema apresentado na Figura 3: *pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.*

Figura 3: Três fases da Análise de Conteúdo



Fonte: Adaptado de Bardim (2011)

A *primeira fase, a pré-análise*, pode ser identificada como uma fase de organização. Utilizando-se de pesquisa documental em conteúdo da internet, observação direta, observação participante e entrevistas. A *segunda fase, a exploração do material*, pode ser compreendida pela organização dos dados da pesquisa em forma de categorias. As categorias de análise para esta pesquisa foram extraídas da fundamentação teórica. Para a análise de conteúdo das entrevistas, as categorias utilizadas foram:

Tabela 1. Categorias de análise das entrevistas

CATEGORIA
Terceiro Setor
Cadeia produtiva da moda
Pensamento Sistêmico de Design
Inovação Social
Projetos sociais e sua relevância na cadeia produtiva



Diálogo com o pensamento sistêmico, o design e a inovação social

Fonte. Os autores (2024).

A terceira fase do processo de análise do conteúdo é denominada *tratamento dos resultados*—a inferência e interpretação.

O Projeto Social Tecer nasceu em 2021, do desejo de mudar a realidade das mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade. Por meio da capacitação em costura - realizada utilizando resíduos e sobras da indústria têxtil – encontra-se uma forma de unir sustentabilidade, empoderamento feminino e moda consciente em um único projeto, que tem por objetivo transformar. As responsáveis pela Ong viram a oportunidade do trabalho associado em cooperativas como alternativa frente à redução de emprego, alta demanda de um dos maiores polos industriais têxteis do país, o Vale do Itajaí e a transformação social dessas mulheres.

Atualmente o projeto possui três responsáveis, duas professoras e turmas de dez alunas por ciclo. Duas turmas formadas por ano, uma em julho e outra em dezembro. O projeto se enquadra na atividade de Organizações Associativas Ligadas à Cultura e à Arte, fazendo parte do setor de atividades políticas.

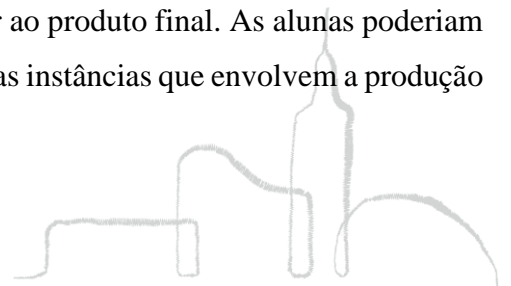
### **Discussões e Resultados**

Os atores entrevistados foram: responsáveis pela ONG A (financeiro), professoras B (costureiras), e alunas pertencentes à comunidade (mulheres em situação de vulnerabilidade). A seguir serão descritos os resultados obtidos em cada categoria.

Terceiro setor: Para as responsáveis, a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de comunidades por meio do empreendedorismo em costura, unindo responsabilidade social e preservação do meio ambiente é um modelo de negócio viável que grandes empresas, como o caso da Fundação Grupo Volkswagen, presta à sociedade, dando a oportunidade para a costura impactar positivamente no cotidiano.

Cadeia produtiva da moda: Para as responsáveis, pelo fato de o país possuir sua cadeia têxtil completa, produzindo da fibra até às confecções, faz com que o leque de oportunidade seja enorme. No seguimento de confecções, cujo a iniciativa une forças e forma suas alunas, há uma crescente e pelo fato da proximidade regional com o Vale do Itajaí, muitas oportunidades de emprego surgem.

Pensamento sistêmico do design: De acordo com as responsáveis, as etapas trabalhadas atualmente poderiam ser melhoradas. Poderia haver uma visão holística para se chegar ao produto final. As alunas poderiam fazer parte do projeto antes de virar projeto, entendendo às relações e todas as instâncias que envolvem a produção de vestuário.



Inovação Social: De acordo com as responsáveis, a atuação da ONG é pautada na inovação, em buscar soluções para problemas e necessidades que afetam a comunidade. Há dificuldade em manter uma constância, devido ao fato dos diversos materiais que recebem, mas que ao mesmo tempo, com muita criatividade e trabalho colaborativo, sempre é possível ter ideias inovadoras. A ONG também está aberta no formato de cooperativa para prestar assistência as mulheres já formadas na capacitação em costura, recebendo assim, demandas externas.

Projetos sociais e sua relevância na cadeia produtiva: Para as responsáveis, a cadeia produtiva e projeto social estão intrinsecamente relacionados. Havendo preocupação com os impactos ambientais que essa cadeia proporciona e a responsabilidade pelo desenvolvimento sustentável.

Diálogo com o pensamento sistêmico, o design e a inovação social: Para as responsáveis, este diálogo é fundamental para o sucesso do projeto. Garantindo embasamento teórico, prático e a colaboração com trocas de conhecimento a serem aplicadas pensando no desenvolvimento de produtos sustentáveis e com foco na inovação social. Para as alunas, o design pode ser um elemento que venha a promover o desenvolvimento de uma comunidade criativa e fomentar a inovação social.

Tabela 2. Subcategorias identificadas nas entrevistas

Categoria	Subcategoria	Ocorrência
Projetos sociais e sua relevância na cadeia produtiva.	Comunidade	53
	Emprego	45
	Profissão	38
Diálogo com o pensamento sistêmico, o design e a inovação social	Design	27
	Sustentabilidade	23
	Visão holística	19
	Participação	12

Fonte: os autores (2024).

Percebe-se as subcategorias associadas aos projetos sociais e sua relevância na cadeia produtiva, são positivas, sendo comunidade e emprego as mais citadas. Isso sugere que a relevância dos projetos sociais que atuam na confecção de vestuário, é de grande importância na construção do processo de criação e produção. As subcategorias profissão, design também estão entre as mais citadas pelos participantes. Profissão é o objetivo da capacitação oferecida pela ONG, tornar-se costureira, e o design, para a ONG é um elemento crucial que agrega valor no processo criativo e nas etapas de aprendizagem.



## Considerações Finais

Este artigo trouxe reflexões teóricas e empíricas sobre o potencial dos projetos sociais que atuam de alguma forma na cadeia produtiva da moda. Neste sentido, a pesquisa limitou-se a um caso e não teve intuito de exaurir os assuntos amplamente.

Após o estudo de caso na iniciativa social Projeto Tecer foi possível constatar que a relevância do trabalho desenvolvido a partir de iniciativas sociais, seja por meio de capacitação ou pela própria cooperativa de alunas já formadas são soluções eficazes frente à vulnerabilidade social e econômica. Além de trazer como embasamento teorias do design, do pensamento sistêmico como ferramenta para auxílio no processo de aprendizagem e de criação das peças de vestuário.

Os resultados da pesquisa apontaram que a iniciativa social utiliza a inovação social no processo de desenvolvimento de produtos de vestuário. Através de um trabalho colaborativo, obtém-se inovação, sendo fundamental a troca existente entre os atores de diversas áreas e podendo aumentar cada vez mais essa troca.

É importante observar que a pesquisa se concentrou em uma revisão bibliográfica narrativa e assistemática, ou seja, não foram priorizadas bases de dados específicas ou grupos de pesquisa determinados. Além disso, a pesquisa se limita a fazer generalizações com base nas informações encontradas, o que pode gerar interferências devido à carga empírica e subjetiva das categorias analisadas (terceiro setor, cadeia produtiva de moda, design sistêmico, inovação social) e das evidências levantadas.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação da investigação sobre o potencial de projetos sociais que atuam na cadeia produtiva de moda, tendo como o design sistêmico como ferramenta estratégica para alavancar esses negócios.



## REFERÊNCIAS

ABIT Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. **O Poder da Moda: Cenários • Desafios • Perspectivas** Agenda de Competitividade da Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira 2015 a 2018. ABIT: São Paulo, 2014b Disponível em: <http://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Publicacao/120429.pdf>. Acesso em 25 mai. 2024.

ANDION, Carolina.; RONCONI, Luciana.; MORAES, Rubens; GONSALVES, Agatha; SERAFIM, Liliam. **Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista**. Revista de Administração Pública, v. 51, n. 3, p. 369–387, 2017.

BRASIL. Constituição (2002). **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Código Civil: Lei 10.406. Brasília, DF: Presidência da República, [2002]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm). Acesso em: 24 mai. 2024.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. California: Sage, 2003.

FEGHALI, Marta. **O ciclo da moda**. São Paulo: Senac, 2008. 166 p.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda e Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Senac, 2011.

IEMI. **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**. 23. ed. São Paulo: Iemi, 2023. p. 90. Disponível em: <https://iemi.com.br/brasil-textil-2023>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais** / Ezio Manzini; [coordenação de tradução Carla Cipolla; equipe Elisa Spampinato, Aline Lys Silva]. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. (Cadernos do Grupo Altos Estudos; v.1).

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. **The open book of social innovation**. London: National endowment for science, technology and the art. 2010. Disponível em: <https://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/10/The-Open-Book-of-Social-Innovationg.pdf>. Acesso em: 05 ago 2024.

RECH, Sandra Regina. **Estrutura da cadeia produtiva da moda**. Santa Catarina: Udesc, 2007. 13 p. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7565>. Acesso em: 14 jun. 2024.

RECH, Sandra Regina. **Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção**. 301 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2006.

SALAMON, L.M.; ANHEIER, H.K. **Defining the nonprofit sector**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

